O ENSINO DE GÊNEROS DISCURSIVOS E MANIFESTAÇÕES DO ESTILO INDIVIDUAL: OPOSIÇÃO OU COMPLEMENTAÇÃO?

Raquel Salek Fiad*

RESUMO: Neste texto, desenvolvo uma reflexão sobre a relação entre estilo individual e escolha do gênero discursivo, no ensino da escrita, levando em consideração a flexibilidade dos gêneros. Apresento algumas considerações sobre a seguinte pergunta: como considerar, no ensino, a relação entre o estilo individual e o estilo do gênero, principalmente em situações nas quais o estilo individual possa sobrepor-se ao estilo do gênero?

PALAVRAS-CHAVE: Gênero do discurso; Ensino de escrita; Estilo individual; Ensino de gêneros.

De um modo geral, penso que ainda há muito para ser discutido sobre o ensino de escrita nas escolas, seja no contexto brasileiro ou em um contexto mais amplo. Por um lado, o que as crianças e jovens escrevem tem sido analisado por pesquisadores, por estudantes de pós-graduação em suas teses e dissertações. Essa produção acadêmica, iniciada mais consistentemente nos anos 1980, permanece com novos referenciais teóricos, com perguntas novas a respeito das escritas escolares, visando geralmente oferecer explicações para os *problemas* presentes nas produções escolares.

O termo *problemas*, usado por Pécora (1983) em um estudo sobre redações escolares, geralmente é utilizado com ressalvas e

* Universidade Estadual de Campinas.

se alterna com outros, como *dificuldades*, *necessidades*, *inadequações*, na tentativa de se evitar um olhar normativo e que aponte apenas *erros* nas escritas escolares, já que os referenciais teóricos em que esses estudos se apóiam conduzem o pesquisador a explicações e não apenas à acusação de que "os alunos não sabem escrever". Podemos dizer que há uma contribuição das pesquisas sobre escrita escolar para que se analisem os textos de crianças e jovens não mais em uma perspectiva normativa.

Por outro lado, os professores, ao se depararem com os textos de seus alunos, têm muitas dúvidas sobre os critérios a serem utilizados para que possam considerar um texto *bom* ou ruim. As análises acadêmicas não têm sido suficientemente "transformadas" em bons filtros para auxiliarem os professores a analisarem os textos, a fornecerem explicações para os *problemas* e a conduzirem os alunos a produzirem escritas alternativas às anteriormente avaliadas como problemáticas.

Sem pretender apresentar alguma solução mágica para resolver esse impasse entre os estudos científicos e a prática escolar, discutirei, a seguir, um aspecto da escrita que tenho observado e que, acredito, pouco tem sido mencionado em relação ao ensino: *o estilo individual.* A concepção de estilo presente na escola permite que esse conceito seja tematizado apenas quando se analisam textos literários, de autores consagrados, sobre os quais há estudos que apontam características estilísticas que marcam a sua escrita, junto a outras características que permitem localizá-lo em determinado movimento literário, por exemplo. No entanto, a análise de textos de crianças e jovens, apoiada em outra concepção de estilo, permite que se considere a pertinência desse conceito para se entender algumas manifestações lingüísticas nos textos dos que ainda se encontram no processo de aquisição da escrita.

Considero pertinente discutir o estilo em relação a textos escolares, principalmente no contexto atual de propostas didáticas de ensino de escrita, que têm focalizado o ensino dos gêneros discursivos. Acredito que uma discussão sobre o ensino da escrita que

Filologia 7.pmd 316 20/7/2007, 13:28

inclua uma reflexão sobre o estilo pode contribuir para um maior entendimento do conceito de gênero discursivo e para uma análise crítica, por parte do professor, de propostas didáticas que têm apresentado o conceito de gênero discursivo. Para encaminhar a discussão, sigo os seguintes passos: (i) retomo o conceito de gênero discursivo conforme apresentado por Bakhtin; (ii) destaco a concepção de estilo, relacionando-a aos gêneros, compreendendo o estilo do gênero e o estilo individual; (iii) apresento a análise de manifestações lingüísticas em textos escolares que podem ser consideradas manifestação de estilo individual relacionadas aos estilos dos gêneros; (iv) confronto essa análise com a apropriação do conceito de gênero discursivo por propostas didáticas; (v) proponho que o ensino de gêneros discursivos incorpore a discussão sobre estilo.

Bakhtin apresenta o conceito de gênero discursivo a partir da relação entre o uso da linguagem e os diferentes campos da atividade humana. Afirma que "cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (Bakhtin, 2003, p. 262). Dessa definição de gênero discursivo, que tem sido freqüentemente repetida e retomada em inúmeros estudos, destaco o caráter flexível dos gêneros, fundamental para a discussão sobre *estilo*. No mesmo trecho de seu texto, Bakhtin diz que os "enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional" (Bakhtin, 2003, p. 261).

A partir dessas conceituações, passo a fazer algumas considerações sobre a relação entre estilo e gênero. A flexibilidade não se manifesta do mesmo modo em todos os gêneros, ou seja, há gêneros que são mais propícios às manifestações individuais, ao passo que há outros gêneros que são mais padronizados, em que a individualidade está menos presente. Vejamos que é uma questão de relatividade e não para ser entendida em termos absolutos. Os gêneros

Filologia 7.pmd 317 20/7/2007, 13:28

têm estilos – os estilos dos gêneros – como parte de sua constituição, relacionados às esferas da atividade humana e, a depender desse estilo, há mais ou menos possibilidade de haver manifestações individuais – o estilo individual. São as manifestações individuais que modificam os estilos dos gêneros, que os renovam, possibilitando as mudanças dos gêneros. São também as manifestações individuais que mostram a flexibilidade dos gêneros, como veremos mais adiante.

A concepção de estilo proposta por Bakhtin pode ser associada à que se encontra nos estudos de Possenti (1988), que considera o estilo *escolha* e *marca de trabalho do sujeito na linguagem*. Em um trabalho mais recente (Possenti, 2001, p. 16), argumenta que a categoria estilo pode ser entendida como "um certo modo de organizar uma seqüência (de qualquer extensão), focando-se como fundamental a relação entre essa organização e um determinado efeito de sentido". Enfatiza a relação entre estilo e escolha – que já havia defendido em 1988 – desta vez colocando-a "no interior de uma concepção de língua, de enunciado e de gênero, tais como desenhadas, digamos, pelo menos à moda bakhtiniana". Deixando mais claro o que entende por escolha, o autor afirma que "pode ser entendida, alternativamente, como efeito de uma multiplicidade de alternativas – decorrente de concepções de língua como objetos heterogêneos – diante das quais escolher não é um ato de liberdade, mas o efeito de uma inscrição (seja genérica, seja social, seja discursiva)" (Possenti, 2001, p. 16-7). Fica explicitada, então, a necessidade de se entender *escolha* junto a uma teoria bakhtiniana de gênero discursivo, o que exclui qualquer possibilidade de se pensar o estilo como desvinculado do gênero em que o sujeito se manifesta.

Ao discutir a relação entre estilo individual e estilo do gênero em relação a textos de aprendizes, considero que os gêneros com os quais os sujeitos entram em contato, em vários contextos ao longo do seu processo de aquisição da escrita, constituem lugares de manifestação estilística. É no interior dos gêneros e em vínculo estreito com seus estilos próprios, que se buscam as marcas da emergência dos estilos individuais.

Filologia 7.pmd 318 20/7/2007, 13:28

Para exemplificar o que estou entendendo como marcas de estilo individual relacionadas ao estilo dos gêneros discursivos, recorro às análises realizadas por Mayrink-Sabinson (1999, 2000, 2003) a partir dos textos de um sujeito (LM) produzidos da pré-escola até o final do ensino médio. Essas análises mostram que é possível observar, nos textos, a recorrência de algumas estratégias que produzem humor:

(a) Um trabalho de linguagem com rimas, ritmo, aliterações, repetições, escolha lexical e de temas engraçados que, principalmente nas duas primeiras séries escolares, parece ser construído via criação de *nonsense*. Típicos deste período são textos como:[1]

Jurema Jurupinba Jurubeba e Xichariba
Jurema espreme a gema
Jurupinba pinga atoa
Jurubeba linpa a
punda.

e

Xichariba espre a bunda
enquanto pinga o xixi atoua

Nesses dois exemplos, há violação de "regras de boas maneiras" ao ousar escrever termos pouco próprios da escrita como *bunda/punda* e *xixi*. Como acontece em inúmeros outros textos, a graça se inicia pela escolha de nomes próprios (a letra maiúscula inicial assim indica) engraçados e pouco, ou nada, usuais. O único que se poderia considerar "normal", não sendo, no entanto, comumente utilizado, seria *Jurema* – L.M. conheceria da marca "ervilhas Jurema"? – que dá origem por aliteração da sílaba inicial aos dois outros que o seguem, *Jurupimba* e *Jurubeba* – este, talvez, *eco*, no dizer de Bakhtin, de propagandas veiculadas, na época, pela televisão. Esta escolha

[1] Todos os exemplos foram escritos conforme os originais, sem correções de minha parte.

Filologia 7.pmd 319 20/7/2007, 13:28

de nomes fora do comum/inusitados para personagens de seus textos, considerada marca estilística nos textos de L.M., pode ser observada mesmo nas séries mais avançadas de escolarização.

(b) Um outro recurso de construir humor no texto, que surge nos primeiros textos de L.M. e se mantém até o final do ensino médio, é o emprego de características inusitadas/contraditórias/ridículas para construir os personagens e os próprios enredos, bem como a criação, a partir da utilização destes recursos, de enredos/situações narradas inusitadas e "engraçadas". Assumindo a voz de um outro assim construído, L.M. cria humor. Um exemplo é:

5 de Maio – Nunca estive mais feliz. Meu casamento com Marta vai quase as mil maravilhas. O único problema é termos caído na famosa rotina. Acho que devemos viajar para solucionar esse problema, mas isso custa muito caro, o nosso orçamento deixa a idéia inviável por enquanto.
17 de Maio – Minha mulher é brilhante! Encontrou a solução perfeita para o nosso problema. Ela nos matriculou em uma academia! Não acho que estejamos fora de forma, principalmente meus ossos magros, mas se essa é a solução...
18 de Maio – Conheci a nossa nova academia. Seu gerente, apesar do nome um tanto peculiar, como Walmor, é muito simpático e nos trata muito bem.
26 de Maio – Marta está encantada com a academia. Passa horas malhando apesar de eu não poder acompanhá-la sempre. O que me conforta é que o seu Walmor faz companhia a ela. Hoje me disse que ele é um expert em filmes de ação, e me pediu para alugar alguns, apesar de seu gênero preferido ser o Romântico.
30 de Maio – Tenho visto minha mulher cada vez menos. Espero que ela não esteja virando uma ratazana de academia como as jovens de hoje em dia. Preciso ver um médico, estou com uma coceira incrível na testa.
1 de Junho – Péssimo dia. Não vi minha mulher hoje por mais do que duas horas, e meu médico não sabe o que é essa coceira infernal.
2 de Junho – Estou irritado! Minha mulher convidou o exímio gerente para jantar, muito bem arrumado. Que agora não larga mais a minha mulher. Conclusão: não pude conversar com Marta sobre o andamento de nosso casamento.
5 de Julho – Fui andar de bicicleta para aliviar o estresse e a coceira. Ao voltar para casa tive a desagradável surpresa de encontrar o senhor gerente malhando em cima da minha mulher. Descobri o motivo da coceira, que passou num

Filologia 7.pmd 320 20/7/2007, 13:28

instante quando pintei na cara de Walmor um belo olho roxo que combinava com suas meias e camisa.

6 de Junho – Não volto mais naquela maldita academia, e quero o divórcio!

Nesse texto, escrito no ensino médio, podemos encontrar alguns dos recursos de que L.M. se vale para construir textos bem humorados. Ao assumir a voz do outro (neste caso, sob a forma de uma máscara masculina e de um diário) na composição da personagem que escreve o texto, L.M. joga com contradições na fala da própria personagem: um homem distraído em relação ao que se passa a sua volta, que se sente *feliz* por um *casamento que vai quase as mil maravilhas*, sendo o *único problema ter caído na famosa rotina*, e que só ao encontrar o *senhor gerente malhando em cima de minha mulher* se dá conta, tendo uma desagradável surpresa, da traição que ele mesmo relata, passo a passo, em seu diário. O recurso ao lugar-comum da *coceira incrível na testa* (*coceira infernal*, em outro momento no texto) sinaliza para o leitor a traição em andamento, caracterizando o autor do diário e personagem da história como um marido enganado.

Como pode ser observado a partir da comparação desses dois momentos da escrita de L.M., a tendência de construir textos bem humorados e engraçados ocorre principalmente em gêneros que podem ser considerados mais flexíveis (mas não exclusivamente neles, como veremos adiante). Nos exemplos acima, vemos isso em quadrinhas e em um diário.

No entanto, é possível encontrar algumas escritas de L.M. em gêneros cujos estilos seriam menos flexíveis e mais formalizados. É o caso de alguns textos produzidos para a disciplina "Estudos Sociais" – gêneros informativos –, em que há, principalmente através do léxico e da sintaxe, a manifestação de um registro informal, mais próximo de outros gêneros e pouco provável em textos informativos escolares. Como exemplo dessas escritas, apresento inicialmente algumas produções do ensino fundamental:

Filologia 7.pmd 321 20/7/2007, 13:28

O tratado de Tordesilhas foi uma divisão que o papa fez entre a Espanha e Portugal, dividiram o Brasil com uma linha imaginaria, mas Portugal foi empurrando a Espanha e a Espanha só ficou com um tiquinho do Brasil. (oeste da Espanha e leste de Portugal)
Comece a registrar nesta folha o que você já sabe sobre os imigrantes
A chegada
Quando chegavam na fazenda eram levados até sua casa (velha caindo aos pedacos).
Lá acomodavam-se e ficavam esperando dar trabalho.
O pagamento
(Quando) saia o pagamento saia muito pouco, porque o fazendeiro fazia umas continhas errada aqui ali, ai o pagamento saia bem pouco, e de tanta raiva o imigrante ate matava o fazendeiro.

É possível dizer que há, nesses exemplos, marcas que permitem compará-los aos anteriores, de gêneros mais flexíveis? Eu diria que as marcas de informalidade (*a Espanha só ficou com um tiquinho do Brasil, velha caindo aos pedaços, fazia umas continhas erradas aqui e ali)*, não previstas em gêneros informativos, provocam uma ruptura no estilo do gênero e que essas marcas podem indicar o estilo individual sobrepondo-se ao estilo do gênero. Além disso, essas manifestações reforçam o caráter maleável e flexível dos gêneros, mesmo daqueles que podem ser considerados menos flexíveis.

Apresento outras escritas de L.M., sempre produzidas em situação escolar, como trabalhos para outras disciplinas (Geografia, Filosofia...), em que se encontram manifestações de marcas (sintáticas, lexicais, dentre outras) de um registro informal, não esperado no gênero produzido. Em princípio, esses gêneros tipicamente escolares, como explicações, resumos, respostas – não seriam o lugar de exploração de um estilo informal.

Texto para a disciplina Geografia
O texto é uma satira do mundo politico. Na politica atual é mais ou menos assim. Outro dia mesmo nosso presidente criticou o salario dos nossos professores mas não fez nada a respeito.
Os politicos só sabem olharem de longe e criticarem mas na hora de pensarem em soluções bate aquela preguiça e acabam arquivando.
Um exemplo claro disso é o da reforma agraria. Des do comesso do ano que isto esta parado e ninguem toma providencias.

Filologia 7.pmd 322 20/7/2007, 13:28

Esses mesmos politicos que robam pra caramba que vão ser roubados futuramente pelos ladrões de que não quiseram cuidar.

Avaliação de Filosofia

Analize os seguintes proverbios, verificando em que sentido os mesmos podem ter um caráter ideológico:
c) "Cada macaco no seu galho".

Resposta

2. c) "Cada macaco no seu galho" é um proverbio que faz com que as diferentes raças e pessoas de outras culturas não se misturem uma com a outra, frequentando os mesmos lugares, é uma maneira de dizer "aqui não é o seu lugar" "vai procurar sua turma".

Uma interpretação coerente com a teoria bakhtiniana permite que se diga, a partir de textos como esses acima observados, que há uma relação entre os gêneros, que se revela na medida em que o estilo de um gênero pode ser "transposto" para outro. As escolhas lexicais, nos exemplos acima, "trazem" marcas de outros gêneros (possivelmente uma conversa informal, um relato...) para os textos informativos escolares.

Acredito que o mesmo pode ser dito sobre a organização composicional dos gêneros, por exemplo, quando determinadas seqüências (ou tipos textuais, como narração, argumentação, descrição, injunção) que não são predominantes em um certo gênero passam a compô-lo. Cito, como exemplo, uma maior incidência de seqüências narrativas em um gênero da esfera de atividades científicas, como um artigo científico, uma tese, uma conferência.

Essas manifestações, longe de serem vistas como um problema a ser corrigido, podem ser entendidas como o resultado das relações intergenéricas, que indicam a circulação dos sujeitos por diferentes esferas de atividade humana onde os gêneros são produzidos. Na realidade, creio que podemos entender que, nas relações intergenéricas exploradas pelos escreventes, estão manifestações do estilo individual.

Após ter argumentado a favor de um olhar para os textos – produzidos por crianças e jovens, dentro e fora da escola – que

Filologia 7.pmd 323 20/7/2007, 13:28

incorpore a possibilidade de transgressões aos estilos dos gêneros, cabe agora, relacionar essas reflexões ousadas à concepção de gênero discursivo que é a mais freqüente no contexto escolar. Creio que podemos afirmar que o caráter flexível dos gêneros tem sido esquecido e predomina uma concepção estática e normativa. Essa afirmação é baseada em estudos como o de Costa Val (2006), que mostra que a apropriação feita, por parte de professores e de livros didáticos, nem sempre corresponde ao caráter inovador e flexível dos gêneros.

No entanto, os exemplos aqui analisados, que foram produzidos em situações escolares, mostram uma concepção de gênero discursivo que não cabe nessa que acabei de criticar. Os exemplos nos levam a pensar nos gêneros – mesmo os produzidos na escola – como enunciados que são maleáveis, que podem ser reformulados e alterados.

Restam ainda uma pergunta e a tentativa de alguma resposta, para que não fique um mal-entendido do tipo "vale tudo" no trabalho do professor com os textos dos alunos: se as alterações nos estilos dos gêneros podem ser resultado tanto do desconhecimento desse estilo como de um trabalho com a linguagem, por parte dos jovens escreventes, revelando tendências estilísticas, qual é o papel do professor, como interlocutor dos alunos nesse processo? Acredito que uma boa equação para esse tipo de preocupação pode ser apresentada em algumas sugestões:

- Os textos dos alunos servem como orientação para o professor depreender o conhecimento que os alunos têm dos gêneros e também das alterações individuais que efetuam nos gêneros;
- Essas alterações podem ser tematizadas nas interações professor-aluno, de modo a possibilitar que os alunos passem a melhor monitorar as alterações já feitas e a explorar outras ainda não conhecidas;
- É muito provável que um maior conhecimento do estilo de um gênero propicie mais alterações, mais manifestações

Filologia 7.pmd 324 20/7/2007, 13:28

estilísticas, nas produções escritas. Portanto, conhecer o estilo de um gênero significa também conhecer as possibilidades de transgressões;

- O ensino dos gêneros pode incluir tanto o aspecto normativo do gênero como as possibilidades de transgressão, ou seja, aprender um gênero pode ser já aprendê-lo em sua diversidade e não supondo-o homogêneo.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. (2003) [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: Bakhtin, *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes.

COSTA VAL, M. G. (2006). Apropriações do trabalho com gêneros textuais na sala de aula: problematização. Comunicação apresentada na mesa-redonda Diferentes abordagens para a análise e o ensino da escrita. 54º Seminário do GEL, Unesp/Araraquara, julho/2006.

MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (1999). A emergência do estilo: as marcas da construção de autoria em textos representativos da aquisição da linguagem de um mesmo sujeito, da pré-escola à oitava série do primeiro grau. Relatório de Pesquisa. CNPq.

____. (2000). Fazendo humor no texto: a emergência do estilo a partir da análise de um corpus longitudinal em aquisição da escrita. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 36, p. 121-130. Campinas: Unicamp.

____. (2003). Considerações sobre a emergência de um estilo individual: construindo o humor no texto. In: *ACTAS-I do VIII Simposio Internacional de Comunicacion Social*. Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada/Ministerio de Ciencia, Tecnología y Medio Ambiente.

PÉCORA, A. (1983). *Problemas de redação.* São Paulo: Martins Fontes.

POSSENTI, S. (1988). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.

____. (2001). Enunciação, autoria e estilo. *Revista da FAEEBA*, 15, Salvador.

ABSTRACT: In this paper, i discuss the relationship between individual style and genre style in the process of writing acquisition, considering the flexibility of discursive genres. The question is how it is possible to consider both genre and individual styles in the teaching of writing. i propose that both styles be considered in school, as a way of exploring the flexibility of discursive genres, differently from what generally occurs.

KEYWORDS: Discursive genre; Teaching writing; Individual style; Genre style;

Filologia 7.pmd 325 20/7/2007, 13:28